

Reitor e Vice-reitor tomam posse para a gestão 2012-2015



O dia 4 de janeiro de 2012 entrou para a história da UERJ como a data que marcou a posse do primeiro Reitor reeleito da Universidade, o professor Ricardo Vieiralves. Com a plateia do Teatro Odylo Costa, filio lotada, também foram empossados o Vice-reitor Paulo Roberto Volpato, os diretores dos centros setoriais e os diretores da Rede Sirius, do Cepuerj e do Hospital Universitário. O chanceler da UERJ, governador Sérgio Cabral, presidiu a cerimônia. Participaram da mesa o secretário da Casa Civil, Régis Fichtner; o vice-chanceler da UERJ e secretário de Ciência e Tecnologia, Alexandre Cardoso; o presidente da Faperj, Ruy Garcia Marques; e o presidente da Capes, Jorge Almeida Guimarães.

> Páginas 8-13

Exposição inédita no *campus*

“Além de Pompeya – Redescobrimo o encanto de Stabiae”, é o tema da mostra internacional que poderá ser visitada entre 15 de maio e 15 de julho no *campus* Maracanã. A exposição inclui peças originais encontradas em escavações no sítio arqueológico de Castellammare di Stabia (antiga Stabiae), uma das três cidades (junto com Pompeia e Herculano) soterradas por cinzas do vulcão Vesúvio em 79 d.C. na baía de Nápoles.

> Páginas 4 e 5

Laboratório de Biônica na Esdi

Para explicar o conceito de biônica e mostrar a evolução dos estudos na área de desenho de produtos, a equipe está organizando uma exposição de biomimetismo para compreendê-lo no contexto do desenvolvimento de produtos e sistemas. Modelos de biomimetismo comprovam a importância da pesquisa para o desenvolvimento tecnológico de diversas áreas, como a aeronáutica, a medicina e a indústria automobilística.

> Página 3

Nepad 25 anos

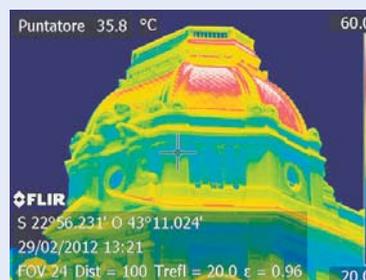
Balço das atividades do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas mostra porque o Núcleo precursor no tratamento psicoterápico individual é referência no atendimento a dependentes químicos no estado do Rio de Janeiro.

> Página 6

Fotogrametria

Laboratório da Faculdade de Engenharia da UERJ trabalha desde 2004 no desenvolvimento do *software* Estação Fotogramétrica Digital Educacional Livre para difundir a técnica gratuitamente.

> Página 15



Telepresença no Hupe

Sistema inaugurado no Hospital Universitário combina tecnologia da informação com cenografia e permite a realização de reuniões com telas de alta definição.

> Página 16

> EDITORIAL

Continuidade

Esta edição do *UERJ em Questão* traz para os leitores a cobertura completa da posse do Reitor Ricardo Vieiralves, primeiro Reitor reeleito na história da Universidade. No evento do dia 4 de janeiro presidido pelo governador Sérgio Cabral, chanceler da UERJ, também tomou posse como Vice-reitor o professor de Ciências Médicas Paulo Roberto Volpato. A matéria inclui trechos do discurso do Reitor e do governador e declarações de autoridades e políticos do estado do Rio sobre a qualidade de gestor demonstrada pelo Reitor à frente da Universidade na gestão 2008-2011. Na reportagem especial estão também os planos das três Sub-reitoras para os quatro anos da nova gestão e a posse dos diretores dos centros setoriais, do Cepuerj, do Hospital Universitário Pedro Ernesto e da Rede Sirius.

Destaque desta edição são as informações sobre a exposição inédita no Brasil, intitulada “Além de Pompeia – Redescobrimo o encanto de Stabiae”, que a Universidade receberá entre 15 de maio e 15 de julho como parte das comemorações do Momento Itália-Brasil. A exposição exibirá afrescos e peças redescobertas em escavações arqueológicas no século XVIII em Stabiae, cidade encoberta pelas cinzas do vulcão Vesúvio. Nos dois meses o Teatro Odylo Costa, filho irá receber o Festival de Cultura Napolitana, com mostras de gastronomia, dança, cinema e teatro.

Na área da saúde, esta edição do *Em Questão* descreve como foi a inauguração da sala de Telepresença no Hospital Universitário Pedro Ernesto, evento realizado simultaneamente em cinco pontos do Brasil. O diferencial da sala de Telepresença está nas telas amplas de alta definição, com áudio direcionado a partir da imagem, que mostram as pessoas em tamanho real, o que aumenta a sensação de proximidade.

Outro texto faz um balanço das atividades do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas – Nepad, e mostra porque o Núcleo, precursor no tratamento psicoterápico individual, e referência no atendimento a dependentes químicos no estado do Rio de Janeiro há 25 anos. O pioneirismo dos laboratórios de Fotogrametria, da Faculdade de Engenharia, e de Bionica, da Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi), completam o conjunto de matérias sobre pesquisas em desenvolvimento na Universidade.

O reconhecimento da excelência da UERJ pela sociedade ficou comprovado no processo seletivo de ingresso de estudantes: em 2012 a Universidade registrou novo recorde em relação ao número total de inscritos, 17% superior a 2011. Ficam aqui os desejos de uma boa leitura.

Reunião do Fórum de Desenvolvimento discute pauta para 2012

Sustentabilidade, economia verde e legado dos megaeventos esportivos serão o foco do Fórum Permanente de Desenvolvimento Estratégico do Estado do Rio de Janeiro. Jornalista Roberto Marinho, do qual a UERJ faz parte. A pauta foi apresentada junto com o balanço de 2011 e as perspectivas para 2012, em reunião realizada em fevereiro no auditório Senador Nelson Carneiro, na Assembleia Legislativa. Integrantes das dez câmaras setoriais e representantes das entidades que compõem o Fórum, que conta atualmente com 194 membros, estiveram presentes.

Geiza Rocha, secretária-geral do Fórum, citou como destaque na programação deste ano o simpósio *Rio/Londres: cidades olímpicas*, que acontecerá nos dias 29 e 30 de março; o debate *Economia verde: como transformar o discurso em metas concretas*, marcado para abril; seminários sobre a economia criativa e a produção do estado do Rio de Janeiro e a participação do Fórum na Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (a Rio+20). Em março, outra reunião na UERJ irá debater planos diretores e planejamento estratégico, entre outros assuntos. Para 2012 também está marcado o lançamento do *Caderno de Esportes*, editado pelo Instituto de Geografia da UERJ. No encontro, a secretária-geral do Fórum anunciou que em 2012 a agenda será trabalhada em rede: “Muitos integrantes vão mudar de câmaras setoriais temporariamente para contribuir com os temas que vamos discutir. O Fórum é um espaço de interação, troca de ideias e proposição para partirmos um pouco para a ação e não ficarmos apenas na discussão”.

Presente à reunião, o professor Egberto Pereira, do Departamento de Estratigrafia e Paleontologia da



Faculdade de Geologia e um dos membros da Câmara de Infraestrutura e Energia, disse que existem dois desafios a serem enfrentados este ano. O primeiro refere-se a uma questão recorrente para o Rio de Janeiro, a polêmica lei de distribuição dos *royalties* do petróleo: “A economia do Rio de Janeiro, embora diversificada, é ainda muito dependente da indústria do petróleo. Ao longo dos últimos anos, um conjunto de leis foi estabelecido promovendo incentivos fiscais para a instalação no estado de uma indústria de bens e de serviços que atendessem a essa indústria”. Para o professor, com a mudança do cenário em termos da distribuição dos recursos dos *royalties*, os incentivos fiscais deveriam ser reexaminados de forma a redirecionar os esforços fiscais para os setores de serviços tecnológicos e desenvolvimento científico de novas fontes de energia. Assim, nas próximas décadas o estado do Rio poderá migrar da condição de produtor de recursos fósseis para uma posição de vanguarda no desenvolvimento de novas fontes de energia mais limpas.

O segundo desafio para a Câmara de Infraestrutura está na definição de diagnósticos e de planos de ação em resposta às catástrofes naturais que têm atingido o estado: “Ainda não existe no âmbito do Legislativo um conjunto de leis que

defina claramente o papel de cada órgão de governo na prevenção desses desastres e no atendimento pós-catástrofe ao cidadão. Como esses fenômenos são recorrentes e, aparentemente, tendem a aumentar nas próximas décadas, seria necessário a criação de um sistema integrado envolvendo mapeamento geológico, análise meteorológica e capacitação da defesa civil”. O professor Eliberto acredita que a solução para os desafios depende de abordagem científica e tecnológica consistente, na qual o papel da UERJ pode ser bastante relevante.

Membro da Câmara de Gestão e políticas públicas, o professor Rui Azevedo dos Santos, do Departamento de Geologia Aplicada, chamou a atenção para a necessidade, na gestão pública, de adoção de planos diretores para temas como saúde, segurança e mobilidade. “Os planos diretores, infelizmente, têm uma área de abrangência muito limitada porque abrangem zonas urbanas e principalmente a adoção de mapas temáticos, como o de uso do solo. Esses dados, ainda que de forma dispersa, estão todos disponíveis, sendo uma questão talvez apenas de integrá-los e complementá-los. Mas o grande desafio é sensibilizar a nossa cultura político-administrativa a adotar esse tipo de informação preliminar”, defende.



Reitor: Ricardo Vieiralves Vice-Reitor: Paulo Roberto Volpato

Diretoria de Comunicação Social • Direção: Sonia Virgínia Moreira UERJ em Questão – Edição de texto: Sonia Virgínia Moreira Pauta: Graça Louzada Reportagem: Janaina Soares, Juan Salomão, Karen Candido, Mariana Pelegrini e Mayana Garcia Estagiária: Renata de Castro Fotos: Thiago Facina Projeto Gráfico e Editoração: Rafael Bezerra

Tiragem: 10.000 exemplares Impressão: Infoglobo • Contatos: 21 2334-0638 e comuns@uerj.br

The typeface Ingleby is designed by David Engelby and is available at dafont.com. David Engelby has the creative, intellectual ownership of the original design of Ingleby

Esdi cria o primeiro Laboratório de Biônica do Brasil

Utilizar a natureza: esse é o motor do Laboratório de Biônica da Escola Superior de Desenho Industrial da UERJ, o primeiro a estudar esse tema no país. A biônica ou biomimética baseia-se na natureza para aplicar soluções em produtos. Com apoio da Faperj, o Laboratório é integrado pelos professores Roberto Verschleisser, que também é o seu coordenador, Fernando Reizel, Frank Barral e Luiz Antonio de Saboya. “É preciso pensar que a natureza está aí há 3 bilhões e 800 milhões de anos e é muita audácia nossa querer achar que sabemos e conseguimos resolver tudo. Devemos, ao contrário, humildemente aprender com a natureza”, diz o coordenador.

A ideia de criar o Laboratório partiu de uma pesquisa do professor Roberto Verschleisser, que sempre estudou o tema se correspondendo com pesquisadores de outros institutos. Para explicar o conceito de biônica e mostrar a evolução dos estudos na área de desenho de produtos, a equipe está organizando uma exposição de biomimetismo para apresentá-lo no contexto do desenvolvimento de produtos e sistemas. O professor usa como referência os esboços do inventor renascentista Leonardo Da Vinci, protótipos de máquinas voadoras, inspirados na aerodinâmica de morcegos: “Nos seus desenhos podemos perceber o biomimetismo pela forma das asas e extensão do corpo”. A observação da natureza também está na origem de outros recursos aplicados à aeronavegação: a descoberta de que os pássaros de grande porte tinham controle de voo nas penas localizadas nas extremi-

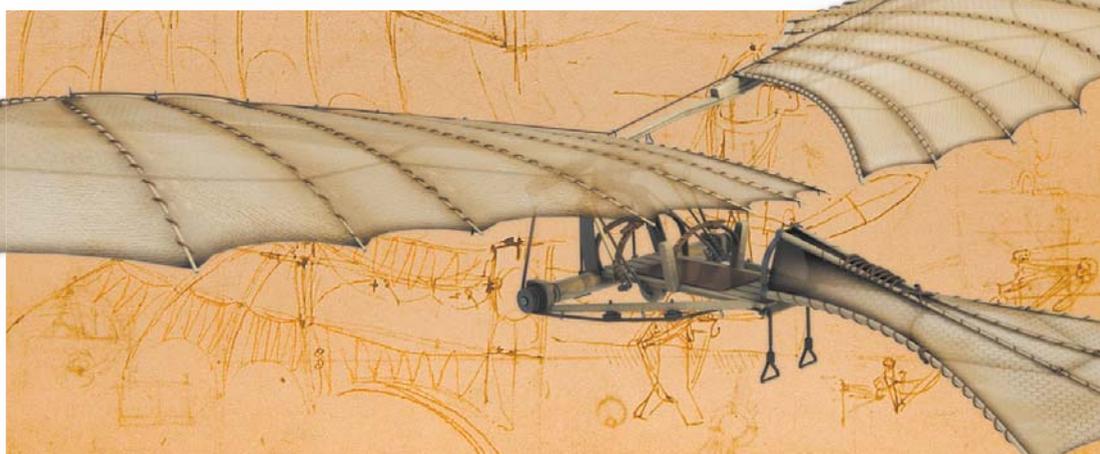


FOTO: LUC VIATOUR. ILUSTRAÇÃO: LEO BLANCHETTE

dades das asas ajudou os pesquisadores a entender como evitar o fenômeno conhecido como glissar (do francês *glisser*, derrapar de lado). A partir disso, os engenheiros aeronáuticos modernos construíram a *winglet* – aba vertical ou inclinada que está posicionada na ponta da asa dos aviões a jato – e o seu uso passou a facilitar manobras em voos e reduziu o consumo de energia.

A exposição também irá mostrar o exemplo de um trem japonês de alta velocidade que, ao entrar em túneis, comprimia o ar com tamanha velocidade que provocava explosões na saída do túnel, antes do trem sair. Para evitar a compressão do ar, a frente do

trem foi redesenhada inspirada no bico do martim-pescador, pássaro hidrodinâmico, que mergulha em rios ou lagoas em busca de peixes para se alimentar. Como outro exemplo do uso do princípio biomimético pode ser citado o estudo da Mercedes-Benz que resultou em um carro fundamentado no peixe-cofre, espécie que possui boa hidrodinâmica e estrutura óssea bastante leve e simples, com espaço de folga para os órgãos internos. O carro desenvolvido pelos engenheiros alemães é eficiente, aerodinâmico, econômico e espaçoso.

Para o colaborador Vinícius Braga Pereira, além de abrigar projetos da área, o Labora-

tório começa a desenvolver pesquisas simultaneamente ao levantamento de dados dos elementos biônicos e como eles funcionam. Isso irá compor um banco de informações que permita classificar e apresentar modelos biônicos. Assim, quando ocorrer algum problema com determinado produto o pesquisador poderá consultar esse banco e avaliar os modelos existentes.

A biônica em outras áreas

A Medicina está entre os outros campos do conhecimento que se interessam pelo estudo da biônica, em especial os estudos de órteses, articulações e próteses. Projetos como o de braços biônicos e de exo-

esqueleto são importantes para o desenvolvimento do biomimetismo por estudar formas de suprir deficiências em corpos humanos. Na arquitetura, as árvores apresentam várias soluções para estruturas: “Na árvore há um feixe central por onde a seiva circula e os galhos se abrem para que as folhas e, depois, as flores sejam expostas ao sol para a fotossíntese. Os construtores medievais, observando as florestas de carvalho, começaram a adaptar esse modelo nas construções das catedrais. Os pilares são os troncos e os arcos superiores em formato de abóboda são os galhos se encontrando”, explica o professor Roberto Verschleisser.

Vários modelos de biomimetismo que fazem parte da exposição em montagem na Esdi comprovam a importância da pesquisa para o desenvolvimento tecnológico de diversas áreas.

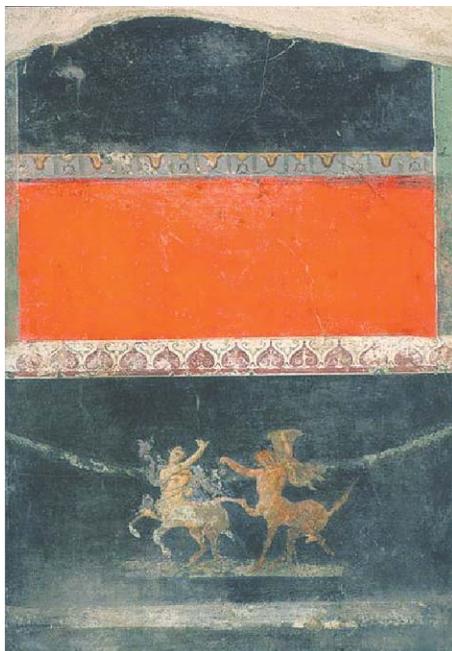
O velcro, por exemplo, foi criado pelo engenheiro suíço Georges de Mestral ao descobrir que as sementes de bardana (*Arctium lappa*) se prendiam às roupas porque possuíam um formato de gancho. Com base nessa informação ele desenvolveu o sistema do velcro, composto por ganchos de nylon mais fortes ligados a uma tira de estopa mais fraca. Os pesquisadores da Esdi pretendem que a exposição do Laboratório seja itinerante e percorra cidades do estado do Rio de Janeiro. A ideia é disseminar o conhecimento acadêmico para outros públicos, como alunos de escolas públicas, uma vez que a pesquisa científica na busca por soluções também é uma maneira de aprender a respeitar a natureza ao nosso redor.

Universidade recebe exposição de Stabia inédita no Brasil

Afrescos estarão em exibição no Teatro Odylo Costa, filho de maio a julho

Em 24 de agosto de 79 d. C., moradores de Pompeia, Stabia e Herculano foram surpreendidos com a erupção do vulcão Vesúvio. Ao voltar à tiva após cerca de 900 anos inerte, o vulcão encobriu de cinzas e atingiu com 'chuva' de pedras as três cidades localizadas na baía de Nápoles, sul da Itália. Praticamente 80% da população morreu na tragédia. Redescobertas durante escavações no século XVIII, Pompeia, Herculano e Stabia tornaram-se sítios arqueológicos e um período importante da história pôde ser recuperada.

Parte desse trabalho estará pela primeira vez no Brasil com a exposição "Além de Pompeya – Redescobrimo o encanto de Stabiae", que acontece no *campus* Maracanã entre 15 de maio e 15 de julho como parte da programação oficial das comemorações do Momento Itália-Brasil. A mostra inclui peças originais encontradas em escavações no sítio arqueológico de Castellammare di Stabia (antiga Stabiae), sede da Fundação RAS – Restoring Ancient Stabiae, que desenvolve projetos nas áreas de turismo cultural e arqueológico, visitas guiadas aos locais e atividades de pesquisa. "A parte mais bonita da mostra são as pinturas de



afrescos que os moradores mantinham em suas grandes residências. Vamos trazer também esculturas e objetos do cotidiano do período para que o público possa entender como era organizada a sociedade daquela época", descreve o professor Ugo di Capua, diretor do Departamento de Arqueologia Subaquática da Fundação RAS.

A vinda da exposição começou com a pesquisa de Aniello Angelo Avella como professor visitante na UERJ, sobre

Teresa Cristina de Bourbon, última imperatriz consorte do Brasil que, ao se casar com D. Pedro II, trouxe para o país o seu dote contendo alguns afrescos de Pompeia. "Tereza Cristina era uma grande arqueóloga. Vale a pena conhecer a sua coleção no Museu Nacional da Quinta da Boa Vista", diz Avella. Para a Sub-reitora de Extensão e Cultura, Regina Henriques, a mostra servirá para reafirmar a proximidade cultural entre Brasil e Itália: "É a primeira vez que essas peças estarão no Brasil, o que representa a oportunidade de aproximar a cultura italiana da brasileira e de reconhecer a importância das relações entre os dois países. Entre as regiões italianas, a da Campânia (onde está Nápoles) é a que mais se aproxima do jeito brasileiro de ser, com características semelhantes à nossa forma de conviver e acolher as pessoas.



Além disso, eles têm uma cultura muito rica e dinâmica".

"Pompeya – Redescobrimo o encanto de Stabiae" terá cerca de 30 peças expostas. Uma réplica dos quartos de dormir da época (*la stanza erótica*) será montada pela primeira vez fora da Itália. A mostra InStabiano, projeto desenvolvido desde 2004 pela Fundação RAS, já esteve na Rússia, no Museu Hermitage de São Petersburgo, e na China: "A exposição ficou três meses no Museu de Xangai, com recorde de visitantes. O jornal *The Times*, de Londres, classificou a mostra em quarto lugar na ordem de importância de eventos semelhantes

no mundo. Esperamos ter o mesmo reconhecimento aqui no Brasil, para onde traremos leitos e quartos de dormir da época como um diferencial", diz o professor Ugo di Capua.

A exposição a ser montada no Teatro Odylo Costa, filho vai permitir que os visitantes sigam o trajeto de redescoberta da história dessas cidades do império romano. O hall, a distribuição das portas e a ligação com a

ALUNOS DA UNATI SE PREPARAM PARA TRABALHAR COMO MONITORES

Entre 23 de março e 6 de abril, 12 alunos da Universidade Aberta da Terceira Idade (UnATI) estarão na Itália para participar de curso oferecido pela Fundação RAS sobre a história de Pompeia e Stabiae. O objetivo é prepará-los para serem monitores na exposição "Além de Pompeya – Redescobrimo o encanto de Stabiae" recebendo os visitantes e orientando-os. Os futuros monitores se reuniram em fevereiro com o professor Ugo Di Capua. O encontro serviu para dar início ao treinamento, que será realizado na Itália com palestras e orientações e, em seguida, com viagens terrestres, passeios marítimos e visitas a laboratórios que vão ensinar, entre outras coisas, como era a culinária



e a preparação das vestimentas na antiguidade.

Célia Pereira Caldas, vice-diretora da UnATI e coordenadora do grupo que viaja à Itália, esclarece que o interesse pela viagem foi grande e que alguns pré-requisitos tiveram que ser atendidos. "Acharmos a ideia muito boa e imediatamente a divulgamos entre os nossos alunos. Quarenta pessoas

se apresentaram como interessadas, mas devido a algumas limitações fechamos um grupo de 12 alunos altamente comprometidos com esse projeto". Todos passaram por avaliação de saúde para verificar suas capacidades física e cognitiva para a viagem. No processo de seleção, os alunos do curso de italiano tiveram prioridade e, em seguida, os estudan-

tes dos outros cursos de idiomas da UnATI. A vice-diretora informa que os participantes têm se reunido semanalmente para preparar a viagem. Junto com a equipe da UnATI irá um intérprete, aluno do curso de italiano da UERJ, e uma estudante do curso de Turismo. O grupo será acompanhado pela geriatra e coordenadora do ambulatório do Núcleo de Atenção ao

Idoso da UnATI, professora Luciana Motta.

Para a Sub-reitora de Extensão e Cultura, "a UnATI pode ser considerada um projeto de extensão de repercussão internacional. Esta viagem é uma oportunidade de discutirmos envelhecimento saudável, principalmente porque a Itália e outros países da Europa têm população mais envelhecida". A aluna da UnATI Regina Marta diz que já esteve na Itália algumas vezes, mas que esta viagem será especial: "Estou indo para estudar, porque o curso vai me oferecer uma coisa que nenhuma outra companhia de turismo oferece, como o passeio a Pompeia com historiadores que estarão à nossa disposição".

parte interna do teatro possibilitarão aos visitantes percorrerem caminhos dessa história com a ajuda de alunos da UnATI treinados na Itália junto à Fundação RAS. “Será um festival de cultura napolitana”, nas palavras da Sub-reitora Regina Henriques. Paralelos à mostra estão programados cursos de extensão relacionados com particularidades da Itália e de Nápoles: “Para a Itália é muito importante o estudo do vulcanismo, principalmente em Nápoles com o Vesúvio. Pensando nisso estará na UERJ, no período da exposição, o professor italiano Vincenzo Morra, que assumiu a presidência do Comitê Internacional de Controle de Risco Vulcânico e que, junto com a Sub-reitora Monica Heilbron, da SR2, professora da Faculdade de Geologia, organizará um curso sobre vulcanismo”, detalha Regina. Luciana Jacobelli, professora da história de Pompeia na Università do Molise e de Milano, apresentará a vida em Pompeia antes da erupção do Vesúvio. Existe a possibilidade de que os cursos de extensão sirvam como créditos para os estudantes que se inscreverem, mas este assunto ainda está sendo tratado com a Sub-reitora de Graduação, Lená Medeiros.

Desde agosto de 2011 – quando foi assinado o convênio entre a UERJ e a Fundação RAS, tendo como parceiro o Instituto Italiano de Cultura do Rio de Janeiro – foram feitas várias reuniões para organizar a mostra. O que seria uma exposição com peças de Stabia se transformou na oportunidade de organizar um festival de cultura antiga, clássica e napolitana que terá atividades de música, cinema, teatro e gastronomia durante os dois meses da exposição no Teatro Odylo Costa, filho.

A UERJ também estará na Itália em 2012, com a montagem da exposição Presépios, que vai mostrar como o nascimento de Jesus foi interpretado pela cultura brasileira utilizando materiais próprios do nosso ambiente, como sementes, cascas de árvores, barro e palha. Junto com a Fundação RAS, a Universidade vai participar ainda do Fórum Internacional de Cultura programado para Nápoles em 2013.

A produção da exposição gerou outras iniciativas, entre elas a formação de um grupo de trabalho multiprofissional composto por professores da UERJ e da Itália que estão neste momento organizando outras atividades conjuntas, como o curso de mergulho técnico-científico – área de interesse da Oceanografia, da Geologia, da Geografia, da Biologia e da Engenharia, entre outras. O Instituto de Letras também participa do convênio por meio do curso de italiano. O ensino adotado no Instituto não é apenas do idioma, mas da língua como um traço da cultura do povo. A exposição “Além de Pompeya – Redescobrimo o encanto de Stabiae” será aberta a todos. A mostra representa oportunidade única para que os brasileiros conheçam os afrescos e aspectos da história antiga italiana.

Um plano diretor para Ciência, Tecnologia e Inovação

O estabelecimento de uma rede que integre projetos e pesquisas em desenvolvimento na Universidade que se ajustam aos preceitos e diretrizes da Lei de Inovação Tecnológica (Lei nº 10.973, de 2004) foi assunto de encontro realizado em janeiro no auditório da Reitoria, para debater o Plano Diretor da Rede de Ciência, Tecnologia e Inovação, objeto de Ato Executivo da Reitoria (AE-030/Reitoria/2011). Estiveram presentes pesquisadores, diretores de centro setoriais e de unidades acadêmicas e administrativas. A rede irá agregar iniciativas como o Núcleo de Inovação Tecnológica – InovUERJ, da Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa, e o conselho de incubadoras, vinculado ao Centro de Tecnologia e Ciências – CTC.

O Ato Executivo que institui o Plano Diretor incorporou as trocas de informação entre investigadores da área de inovação tecnológica, principalmente membros das incubadoras de empresas, em grupo coordenado pelo Reitor Ricardo Vieiralves. A necessidade

de criação da rede surgiu quando em outubro de 2011 o CNPq lançou edital de apoio às incubadoras de empresas e parques tecnológicos. A Coordenadoria de Estudos Estratégicos e Desenvolvimento (CEED) ficou responsável por coordenar os trabalhos que resultaram no documento. Para a diretora da CEED, Tatiane Baptista, “essa movimentação institucional mostrou que precisávamos ter uma articulação interna independentemente dos editais, com a identificação dos canais para escoar o conhecimento e melhor atender as demandas do estado e dos setores públicos e privados”. Assim a Universidade aproveita a conjuntura favorável do Rio de Janeiro e do Brasil, que coincide com disposições internacionais que cobram das universidades maior diálogo com a sociedade.

O primeiro encontro do grupo envolvido na concretização do Plano Diretor apontou algumas estratégias de ação, definiu nomes para o comitê executivo dos trabalhos e

definiu a agenda das próximas reuniões. A primeira tarefa do comitê é elaborar um anteprojeto para a aplicação do Plano na gestão 2012-2015 da UERJ. Também serão organizados seminários com convidados de universidades, autores de experiências bem sucedidas em redes com o mesmo perfil. Setores com potencial, mas que tradicionalmente não estão ligados a projetos de inovação nos Centros Biomédico, de Ciências Sociais e de Educação e Humanidades serão integrados à rede, que assim servirá para identificar a capacidade instalada.

Nas sugestões iniciais para o conteúdo do anteprojeto está o cruzamento das potencialidades existentes na UERJ, mapeadas pelo InovUERJ, da Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa, com as demandas do estado e do mercado. Para identificá-las, a equipe usará como referência o Plano Diretor Nacional, do Ministério da Ciência e Tecnologia, e o Plano Diretor da Secretaria do Estado de Ciência e Tecnologia.

UERJ tem novo recorde em número de inscritos no Vestibular

No processo seletivo para ingresso na Universidade em 2012, a UERJ registrou seu maior número de candidatos nos últimos dez anos. Mesmo não tendo adotado o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), mantendo o seu próprio vestibular, a cada ano a Universidade tem aumentado a sua procura. Este ano quase 62 mil candidatos participaram do exame de qualificação, número 17% maior que em 2011. No exame discursivo, o total de candidatos aumentou 4%, passando de 42.759 em 2011 para 44.496 em 2012.

Elizabeth Murad, Diretora do Departamento de Seleção Acadêmica – DSEA, vinculado à Sub-reitoria de Graduação, afirma que o vestibular da UERJ é muito respeitado pela sociedade. “Fazemos uma prova séria, que mede o essencial, dirigida para a carreira que o candidato escolheu. Se estivéssemos no Enem

haveria uma redução no número de inscritos, o que não acontece hoje”, destaca Elizabeth, lembrando que a UERJ é a única universidade no estado do Rio de Janeiro que mantém o seu próprio vestibular: “A UFF continua com prova própria, mas com um percentual para o Enem”. Para o vestibular de 2013 a estrutura será mantida. Segundo a diretora do DSEA, as provas da UERJ já foram testadas e retestadas, sempre com bons resultados. Mesmo assim, uma revisão de conteúdo é feita a cada três anos para que o programa seja cada vez mais simples: “Queremos um aluno com capacidade de fazer conexões entre os assuntos e não apenas que guarde conteúdos. Para isso estamos simplificando os conteúdos básicos”, explica. Outro recurso que a UERJ mantém é a Revista Eletrônica do Vestibular, publicação *on-line* que permite o

diálogo entre a Universidade e os candidatos. A revista explica cada item e cada questão; e muitos estudam para a prova do vestibular pela Revista.

O Sistema de Informações sobre o Desempenho das Escolas no Vestibular Estadual – Sisdev, implantado em 2010, é a ferramenta que permite às escolas de ensino médio acompanhar o desempenho dos seus alunos em todas as etapas do processo de seleção para ingresso na UERJ. Na fase de teste, o sistema possuía 1.661 escolas cadastradas. Com o início do processo de cadastramento das instituições de ensino em 2010 foram adicionadas 32 escolas ao banco de informações. Em 2011, 1.373 novos colégios passaram a fazer parte do sistema e outros 150 foram cadastrados este ano. Com isso, 3.226 escolas estão inseridas no sistema.

Nepad oferece tratamento diferenciado a dependentes de drogas e familiares

Referência no atendimento a dependentes químicos no Rio de Janeiro, o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Atenção ao Uso de Drogas (Nepad) da UERJ oferece há 25 anos tratamento diferenciado a esse grupo. O Núcleo é precursor no tratamento psicoterápico individual, tendo a psicanálise como base para tratar a especificidade de cada caso.

A diretora do Núcleo, Ivone Ponczek, acredita que a atuação de órgãos que desenvolvem trabalhos direcionados ao combate às drogas, como o Nepad, é importante na medida em que os dependentes necessitam de tratamento e não de repressão. A internação compulsória de um usuário, segundo a psicanalista, deve ser tratada com cautela, levando em conta alguns critérios importantes no momento da tomada de decisão: “Se o usuário de crack está colocando em risco a própria vida ou a de terceiros ou está em situação de desamparo na rua, tem que ser avaliada a possibilidade de internação”, diz. Ela observa que, além da internação, o paciente precisa ser acolhido: “não é somente jogar em abrigo. Essas pessoas devem ser tratadas e as equipes, capacitadas para tal”.

Integrante do Nepad desde a sua fundação em março de 1986, Ivone Ponczek explica que os atendimentos têm como objetivo fomentar a investigação sobre dependência de drogas. Ela destaca entre os trabalhos mais recentes uma pesquisa epidemiológica sobre o uso do crack na adolescência, elaborada por Bernardo da Gama Cruz e Paulo Roberto Telese, e a pesquisa qualitativa com mães de usuários realizada por Elizabeth Palatnik, que resultou na tese de doutorado intitulada “*Eu dizia que era ela, ela dizia que era eu*”: sobre o reconhecimento da “*queixa projetiva*” no atendimento clínico a mães (e outros familiares) de dependentes de drogas, publicada em livro com financiamento da Faperj. “Como o crack está avançando muito, tem merecido maior atenção nossa”, justifica Ivone. O Núcleo também realiza trabalhos de prevenção em escolas e comunidades, capacitações em outras cidades do estado e cursos para funcionários da Justiça, ações que confirmam o papel da Universidade na formação de agentes multiplicadores.

O consumo do crack tem efeito avassalador sobre o usuário. O importante é levar em conta o momento que o indivíduo começou o consumo de drogas. “A droga não cai de paraquedas”, diz Ivone. “É preci-



so tempo para construir uma relação com o paciente para desvendar o sentido que a droga tem para cada um.” Muitas vezes a droga funciona como automedicação para lidar com angústia e ansiedade, por isso é importante levar em consideração o quadro consumista e imediatista da sociedade atual. Uma referência para a diretora do Nepad é o psiquiatra Claude Olievenstein, falecido em 2008, que dirigia o Centro Médico Marmottan em Paris, unidade de atendimento para dependentes considerada uma das maiores do mundo: “Ele dizia que cada droga tem relação com o momento sócio-cultural e político que vivemos. Enquanto a maconha é contemplativa, a cocaína injetável é imediatista. O crack seria então o ápice tanto do imediatismo como da degradação da sociedade”.

No decorrer dos 25 anos de existência do Nepad, algumas mudanças podem ser percebidas em relação ao perfil dos dependentes. Uma delas está relacionada à faixa etária predominante, que antes era adulto jovem e hoje atinge crianças a partir de seis anos, dependentes ou filhos de usuários que também sofrem com o problema. A terapia, neste caso, envolve filmes infantis e brinquedos. Em relação ao consumo, as drogas mais frequentes antes eram maconha e cocaína, que nos últimos anos deram lugar ao crack. Segundo a psicanalista, no caso dos “cracudos” (forma popular de referência aos viciados em crack), a procura pelo tratamento não parte dos dependentes, mas dos familiares, do Conselho Tutelar e de abrigos. Familiares muitas vezes procuram o Núcleo, mas o usuário não quer acompanhá-los; nesse caso, o apoio envolve uma orientação sobre

como lidar com o problema. Atualmente o Nepad atende em média 100 pessoas por semana: de cada dez pacientes que procuram tratamento, sete são usuários de crack de todas as idades, com predominância de jovens do sexo masculino.

Políticas públicas

Um avanço na luta contra as drogas foi a Lei federal 11.343/06, que instituiu o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – Sisnad. Entre outras providências, a Lei prescreveu medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabeleceu normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas e redefiniu o agente de crimes ao distinguir o usuário do traficante. A diretora do Nepad defende mudanças em relação às políticas públicas, como a criação de novos centros de tratamentos, a capacitação de mais profissionais, a melhoria na qualidade de vida da população e o maior acesso à saúde e à educação. “A droga não está desvinculada do desespero, da pobreza, da fome. Ela tem múltiplas causas. Dependemos ainda de muitos estudos para descobrir as causas e a ação deve ocorrer em várias frentes”, explica.

No tratamento de dependentes de drogas, especialmente aqueles que vivem nas chamadas *cracolândias*, a não aceitação à ajuda é a maior dificuldade enfrentada pelos centros de recuperação: “Já trabalhamos com crianças que estavam em medidas socioeducativas e que tentaram fugir, porque são pessoas que estão adaptadas ao modo de vida na rua. Há trabalho de base muito amplo a ser feito”.

Outro problema no combate às drogas é o fato de muitos dependentes carecerem de uma referência, um elo familiar. Trabalhos como reconstrução de vida, de cidadania e de resgate dos direitos são desenvolvidos no Nepad, assim como a legitimação da palavra dos dependentes, considerada pela diretora como a única maneira destes não serem socialmente invisíveis, de terem resgatadas a identidade de cada um. O trabalho demanda uma equipe interdisciplinar formada por psicólogos, médicos psiquiatras, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, técnicos de enfermagem, antropólogos e sociólogos, uma vez que as recaídas acontecem com muita frequência. Nesses casos é importante que o paciente seja acolhido novamente sem críticas e que as causas que o levaram a usar drogas novamente sejam investigadas por meio de terapias, por exemplo. Entre as razões que levam ao retorno do consumo podem ser citadas a crise de abstinência (levando em consideração o ponto de vista orgânico) e as causas de fundo emocional, aguçadas em momentos de solidão, abandono ou desamparo: “Às vezes atendemos pacientes que desaparecem durante três ou quatro anos e voltam como se tivessem saído no dia anterior. A dimensão de tempo para um usuário de droga também fica alterada”, exemplifica Ivone Ponczek, que faz um alerta aos familiares e amigos sobre sinais que podem revelar a dependência química: além dos sintomas físicos, como olhos vermelhos e narinas dilatadas, o usuário pode deixar de cumprir horários, sumir com objetos da casa e perder a responsabilidade – sutilezas que um parente atento pode perceber com facilidade. O crack, a cocaína e o álcool são, nessa ordem, os entorpecentes mais perigosos hoje.

Entre os planos da equipe interdisciplinar do Nepad está atender também casos que requeiram internação. O Nepad mantém equipes em três plantões, que cuidam da triagem e estão direcionadas ao atendimento de adultos (terças-feiras pela manhã); adolescentes (às quintas) e familiares (às quartas): “Há muitas dúvidas sobre o serviço público de saúde, mas em relação às drogas os serviços públicos são muito bons. É importante que todos saibam que o tratamento é gratuito, sigiloso e que estamos de portas abertas”, diz a diretora do Núcleo.

Grupo de pesquisa Interação Social e Desenvolvimento incentiva jovens pesquisadores

Criado em 1993 por iniciativa da professora do Instituto de Psicologia Maria Lucia Seidl-de-Moura, o grupo de pesquisa Interação Social e Desenvolvimento comemora mais uma conquista: o doutorando Rafael Vera Cruz de Carvalho, que integra o grupo desde 2007, recebeu uma das dez concessões de ajuda de custo (*mentored fellowships for young scholars*), concorrendo com pesquisadores de vários países. Oferecida pela International Society for the Study of Behavioral Development (ISSBD) em parceria com a Jacobs Foundation, a *mentored fellowship* é oferecida a jovens pesquisadores pelo período de dois anos, podendo ser prorrogada pelo mesmo período. O objetivo do programa é promover a pesquisa em desenvolvimento humano em todo o mundo, especialmente nas áreas de Psicologia e Ciências da Educação, e em campos como Sociologia e Neurociência.

Além da UERJ, a outra universidade brasileira a ter um aluno selecionado foi a Federal do Rio Grande do Sul. As oito universidades representadas são da Romênia, da Holanda, dos Estados Unidos, da Inglaterra, e da Austrália. Ex-cotista, Rafael ingressou na UERJ em 2003, ano da implantação do sistema de ação afirmativa: “Tenho muito orgulho em dizer que estudei a vida inteira em escola pública e de ter chegado até aqui. Das dez bolsas oferecidas pelo Programa, cinco foram reservadas a pesquisadores dos chamados países em desenvolvimento”, diz o estudante. O projeto com o qual concorreu foi o da sua tese de doutorado, sobre a variação da empatia (capacidade de se colocar no lugar do outro) em famílias de jovens do Rio de Janeiro, considerando pessoas autônomas e mais relacionais. A bolsa contempla também o mentor (espécie de coorientador) do doutorando, que neste caso será a professora Çiğdem Kağıtçıbaşı, da Universidade KOÇ, na Turquia.



Atividades

O Programa Interação Social e Desenvolvimento <www.desin.org> reúne cerca de 20 pesquisadores de diferentes níveis de formação, entre alunos, professores, mestres, doutores e pós-doutorandos. “O grupo valoriza profundamente a cooperação. A supervisão no grupo é distribuída: criamos uma estrutura dinâmica e de certa forma a vejo como muito promissora para a vida acadêmica dos jovens pesquisadores”, relata a professora Maria Lucia Seidl-de-Moura.

No grupo desde 1997, a bolsista da Faperj Luciana Fontes Pessoa é a pesquisadora que está há mais tempo no grupo, desde a sua graduação. A pós-doutoranda Edna Lúcia Ponciano integra o grupo de pesquisa desde 2010. Formada pela PUC-Rio, Edna desenvolve estudos relacionados à transição da adolescência para a vida adulta e ao relacionamento entre pais e filhos. “Em 2011, quando já estava na UERJ, fui conferencista internacional pela primeira vez, um grande desafio”, diz a terapeuta de família, ao destacar o valor de trabalhar com participantes de instituições de ensino e linhas teóricas distintas.

Maria Lucia Seidl-de-Moura acrescenta que todos os participantes escrevem artigos: “Nossa produção nos últimos cinco anos é alta. Os bolsistas de iniciação científica começam a produzir artigos; os mestrandos, apesar de o

programa não exigir, já são autores, e os doutorandos também. Tenho muito orgulho do programa de cotas da UERJ. Como professora da graduação vivo isso na sala de aula e como coordenadora de um grupo de pesquisa tenho visto jovens que foram membros do Proiniciar e hoje são pesquisadores jovens de presente e futuro brilhantes.”

Outras duas mestrandas que também ingressaram na UERJ pelo sistema de cotas se destacam no grupo: Tânia Victor e Dandara Ramos. Ainda bolsista de Iniciação Científica, Tânia recebeu o prêmio de melhor trabalho no congresso Evolutionary Psychology in the Millenium: Plasticity and Adaptation International Symposium, realizado em 2009 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. “Esse prêmio possibilitou uma parceria com o professor Martin Daly, da McMaster University, no Canadá. Temos atualmente um artigo aprovado para publicação no *Journal of Research on Adolescence*, escrito em coautoria com a professora Margo Wilson, da McMaster University (que faleceu em 2009), com a professora Maria Lúcia e a Dandara como primeira autora”, informa Tânia.

O grupo tem ainda pesquisadores colaboradores internacionais como a professora Heidi Keller, da Universidade de Osnabrück (Alemanha), e o professor Martin Daly, um dos fundadores da Psicologia Evolucionista.

UERJ 24 horas

Pelo *campus* Maracanã da UERJ circulam anualmente oito milhões de pessoas e 700 mil veículos. Nas férias esse volume diminui, mas para alguns setores da Universidade, os meses de janeiro, fevereiro e julho não são sinônimo de descanso. Há serviços essenciais que não podem parar de funcionar, como limpeza e conservação, transporte e segurança.

Uma das áreas essenciais para o bom funcionamento de qualquer instituição é a limpeza, que na Universidade fica a cargo de aproximadamente cem serventes de uma empresa terceirizada. Outros setores que não podem parar são os de elétrica, hidráulica, serralheria, alvenaria e carpintaria. Destes, os 23 profissionais dos serviços de elétrica e hidráulica têm plantão durante 24 horas para o caso de alguma emergência: “Diariamente, às 23 horas, uma ‘varredura’ é feita nos andares pelos funcionários da empresa de vigilância e os portões são trancados para que ninguém permaneça no *campus*”, explica Artur Ferreira de Andrade, diretor do Departamento de Serviços Gerais (Deseg) da Prefeitura, que também está encarregado de ligar e desligar as luzes e os ventiladores das salas de aula e da administração.

Responsável pela Coordenadoria de Segurança (Coseg) há 17 anos, Sergio Henrique da Silva informa que a UERJ possui 106 agentes de segurança (servidores concursados, dos

quais três são mulheres) que trabalham em uma escala de 12h X 36h e 12 agentes que estão em serviço de segunda a sexta-feira. Outros 420 vigilantes terceirizados atendem a todos os *campi*. “Em cada unidade externa há um agente de segurança que faz parte da nossa supervisão e fazemos rondas periódicas também”, informa Sérgio. A cada dois anos os agentes e os vigilantes passam por curso de reciclagem como determina a Polícia Federal.

O coordenador da Coseg explica que a segurança da UERJ é preventiva, preparada para agir em situações inesperadas e primeiros socorros. “Há tempos não registramos roubos e furtos em nossas dependências, assim como denúncias quanto ao uso de entorpecentes”, diz.

Entre as ocorrências mais comuns na Universidade estão salas que não são fechadas corretamente no final do expediente. Nesse caso, o diretor da unidade recebe no dia seguinte um memorando relatando o fato e pedindo cuidado para que o patrimônio da Universidade não fique exposto. Entre os planos do setor está a instalação de câmeras em toda a Universidade e a preparação de um grupo de agentes para ajudar o estado nas situações de emergência. Como reforço na segurança, desde agosto de 2011 o *campus* Maracanã conta com um veículo elétrico cedido pelo 4º Batalhão da Polícia Militar, com dois policiais que fazem rondas alternadas no entorno da Universidade.

> ESPECIAL

Professores Vieiralves e Volpato tomam posse para a gestão 2012-2015

A data de 4 de janeiro de 2012 representou uma marca para a comunidade da UERJ. Nesse dia foi realizada no Teatro Odylo Costa, filho, a cerimônia de posse do professor Ricardo Vieiralves como o primeiro Reitor reeleito da Universidade. Na mesma data tomaram posse também o Vice-reitor Paulo Roberto Volpato, os diretores dos centros setoriais (Mario Sérgio Alves Carneiro no Centro Biomédico; Léo da Rocha Ferreira no Centro de Ciências Sociais; Glauber Almeida de Lemos no Centro de Educação e Humanidades; e Maria Georgina Muniz Washington no Centro de Tecnologia e Ciências); os diretores da Rede Sirius, Rosângela Aguiar Salles; do Centro de Produção da UERJ, Maria das Graças Freire e Silva; e do Hospital Universitário Pedro Ernesto, Rodolfo Acatauassú Nunes.

O chanceler da UERJ, governador Sérgio Cabral, presidiu a posse do Reitor e do Vice-reitor. Participaram da cerimônia o secretário da Casa Civil, Régis Fichtner; o vice-chanceler da UERJ e secretário de Ciência e Tecnologia, Alexandre Cardoso; o secretário de Estado do Ambiente, Carlos Minc; o secretário de Estado de Assistência Social, Rodrigo Neves; o presidente da Faperj, Ruy Garcia Marques; e o presidente da Capes, Jorge Almeida Guimarães, entre outras autoridades.

Discurso da diretora do CTC

Diretora reeleita do Centro de Tecnologia e Ciências, Maria Georgina Muniz Washington representou os demais diretores de centros. Em sua fala, a professora abordou a importância dos centros setoriais, aos quais cabe a coordenação das unidades acadêmicas que o constituem, de forma a integrar as atividades de graduação e promover atividades de pós-graduação, pesquisa e extensão. “Os centros setoriais têm papel fundamental e estratégico na estrutura organizacional da UERJ. Ao longo dos anos têm assumido cada vez mais o papel integrador dentro da política universitária, nos três segmentos, através de suas unidades acadêmicas e até nas representações discentes, técnico-administrativas e docentes. Acreditamos que hoje, no contexto de um mundo tão globalizado, temos que promover a integração das nossas unidades, agregar segmentos com afinidades acadêmicas entre áreas que antes se supunham distantes, mas que hoje é necessário que trabalhem juntas”, destacou. Para a professora, é preciso ir além e estimular a integração entre unidades de centros diferentes, criar cursos e elaborar projetos inter e transdisciplinares, “não só de docentes, que já o fazem bem nessas áreas, mas projetos das grandes áreas institucionais”.

Segundo a professora Maria Georgina, uma das missões mais importantes dos centros setoriais é aprender a trabalhar com o outro e dar mais atenção à política de pessoal das unidades, ao propor concursos e capacitar



os servidores atuais, tendo em vista o avanço da graduação e da pós-graduação. Ela defendeu a melhoria acadêmica e estrutural do ensino e a ampliação da discussão sobre o incentivo às licenciaturas: “Devemos incentivar as atividades de extensão e ampliar cada vez mais a pesquisa e a pós-graduação. Enfim, produzir políticas que venham engrandecer os cursos da UERJ.”

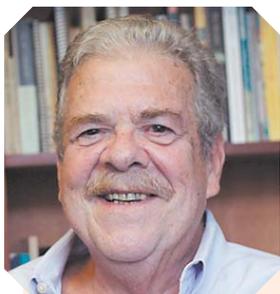
Vice-reitor relembra trajetória na Universidade

Em seu discurso de posse, o Vice-reitor Paulo Roberto Volpato lembrou o seu ingresso na Universidade, nos anos 70, aprovado para o curso de Medicina. Depois de formado tornou-se residente e em seguida médico efetivo do Hupe. “Novos desafios surgiram ao assumir o cargo de professor da Faculdade de Ciências Médicas, da qual viria a ser vice-diretor e diretor. A UERJ proporcionou a formação escolar aos meus filhos por meio do CAP; somos portanto uma



família *uerjiana*. Bastava isso para uma carreira feliz, mas quis o destino conduzir-me por meio do voto à direção do Centro Biomédico, o que me permitiu ampliar o leque das relações humanas e profissionais, em especial a convivência mais amigável com o Reitor Ricardo Vieiralves, que me sensibilizou e motivou com sua inteligência, competência e entusiasmo pela Universidade. Tenho muito a agradecer a ele pelos ensinamentos, incentivo e confiança depositada em mim. Hoje aqui estou para iniciar uma nova etapa como servidor desta casa, assumindo o cargo de Vice-reitor, agradecendo o apoio e a confiança expressos nas urnas. Essa nova etapa é um renovar de esperanças e projetos. O dia de hoje marca o início de uma nova era em nossas vidas e de nossos familiares, um novo e cativante desafio de muito trabalho, mas sobretudo uma oportunidade ímpar de realização profissional. Vou dedicar o máximo esforço pelo aperfeiçoamento constante dos cursos de graduação, pós-graduação, atividades de extensão e administração universitária. Vamos apurar o olhar sobre a Universidade, de modo a conhecê-la ainda melhor, avaliar criteriosamente os processos de ensino, pesquisa e extensão, apoiá-los, sugerir novos caminhos, ousar, inovar, enfim: buscar o patamar máximo em excelência universitária. Juntos podemos olhar para o futuro e conseguir ainda mais. Como disse Paulo Freire: ‘ninguém educa ninguém. Ninguém se educa sozinho. Os homens se educam em comunhão’. Não ignoro que os recursos são limitados. A UERJ está conseguindo captar muito mais a cada ano e vai continuar buscando financiamento para as suas pesquisas, projetos e iniciativas, pois ainda há muito a ser construído”.

Depoimentos de autoridades, amigos e colegas ao cumprimentar o Reitor



Celso Pereira de Sá, professor convidado do Instituto de Psicologia; professor de graduação do Reitor Ricardo Vieiralves

“Antes mesmo de assumir a Reitoria, o desempenho dele em pesquisas e no ensino da graduação e da pós-graduação foi sempre eficiente. Desejo que a UERJ suba cada vez mais no ranking das melhores universidades do Brasil.”

Carlos Minc, Secretário de Estado do Ambiente

“Sou professor da UFRJ, mas acompanho muito de perto a UERJ. Como deputado sou autor de leis sobre monitoramento costeiro, incluindo a oceanografia da UERJ. Acompanhei o mandato de Ricardo Vieiralves e fizemos muitas parcerias, entre elas na área de educação ambiental na Ilha Grande e na Favela da Maré. Fizemos um trabalho grande na estrada parque de Visconde de Mauá e no saneamento. Temos aproximadamente seis linhas fortes de parceria com a UERJ. A primeira gestão do Reitor foi muito interessante: ele se firmou como alguém que resgatou a UERJ, ampliou o *campus*, conseguiu um equilíbrio melhor. Ainda falta naturalmente mais recursos, mas ele se fez respeitar pelo governo do estado e conseguiu valorizar o corpo acadêmico – tanto é que teve uma quantidade expressiva de votos. Ele conseguiu sanear os aspectos basilares e agora vai poder trabalhar outras áreas e contará com o nosso apoio para isso. Acredito que o Reitor também tem o olhar forte para o ambiente, o saneamento, a biologia e o Estado do Rio de Janeiro como um campo especial para a ciência e a tecnologia. Poderemos ter muito mais parcerias no segundo mandato, inclusive na questão climática, na qual vamos apostar pesadamente.”



Celso Pansera, Presidente da Fundação de Apoio à Escola Técnica do Estado do Rio de Janeiro (Faetec)

“Esta é a primeira reeleição na Universidade e isso tem um impacto. Se no primeiro processo eleitoral em que é permitida a reeleição o Reitor obtém vitória significa que a gestão anterior foi positiva. Conheço a UERJ há muito tempo. Formei-me em Letras pela Universidade e fui membro do centro acadêmico. Hoje, olhando a UERJ de fora, vemos que houve uma retomada, uma reorganização de sua infraestrutura. Acredito que a reeleição do Vieiralves esteja relacionada com esse sentimento. A UERJ está muito prestigiada, tanto na SECT quanto no governo do estado. E tem a ver exatamente com o fato de o Reitor ser uma pessoa que promove o diálogo, que sempre foi uma característica dele. Quando ele era Sub-reitor e eu estava no DCE divergíamos muito. Mas ele sempre foi uma ponte entre os movimentos e a Reitoria da época. Agora ele se transformou em um elo entre os anseios da Universidade junto ao governo do estado. Estamos aqui hoje para festejar a sua vitória, a retomada da UERJ como uma grande Universidade e desejar que esta gestão também seja de muito sucesso.”



Jorge Bittar, Secretário Municipal de Habitação

“Penso que a reeleição de forma consagrada do Reitor Ricardo Vieiralves é o resultado de um belo trabalho de reerguimento da Universidade. Ele assumiu a Reitoria com a autoestima da UERJ abalada diante de um processo de desgaste muito grande e podemos dizer que foram anos de reabilitação física e espiritual. Hoje a Universidade está em sintonia com este bom momento que vive o Rio de Janeiro, momento de recuperação da economia, de pacificação, de redução das desigualdades sociais. Acho que todos esses elementos fazem com que a Universidade assuma um papel cada vez mais importante como centro do pensamento do Rio de Janeiro. Temos outras boas universidades públicas no Rio de Janeiro, mas a UERJ é o principal centro de reflexão sobre o nosso estado. A reeleição do Ricardo nos traz notícias positivas, a certeza de que a Universidade irá prosseguir na trajetória virtuosa em que se encontra. Sou deputado federal licenciado e como Secretário de Habitação do Rio de Janeiro me dedico a recuperar os prédios que pertenceram ao IBGE na Mangueira. Tive a oportunidade de procurar o Reitor Vieiralves para construir uma parceria quanto à ocupação daqueles prédios e encontrei uma grande receptividade. Vamos oferecer ali atividades ligadas a cultura e cursos especiais. Será um novo espaço da UERJ no Rio de Janeiro, construído em parceria com o município. Mais um exemplo do espírito construtivo, empreendedor e de iniciativa do Reitor.”

Benedita da Silva, deputada estadual

“Ricardo Vieiralves chega à Reitoria num momento em que a UERJ precisa de mais suporte político e também com um governo que pode atender às suas demandas. Pelo resultado do trabalho realizado, com essa reeleição inédita, significa que custou entendimento, articulação e trabalho. É importante que neste momento estejamos todos aqui, em especial nós, que representamos no Legislativo o estado do Rio de Janeiro, para que possamos dar mais suporte à UERJ, apresentar nossas emendas e dedicar mais recursos para educação.”



Alexandre Cardoso, Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia, Vice-chanceler da UERJ

“A dedicação exclusiva para os professores da UERJ vai ser importante para ajudar a transformar a universidade em um grande centro de pesquisa no Brasil. O objetivo para os próximos quatro anos é torná-la um centro de referência nas áreas de tecnologia, saúde e ciência.”

Aspásia Camargo, deputada estadual

“O Reitor é muito experiente e talentoso. Deveria estar na política, porque é extremamente hábil, negociador e amável. Fico feliz que ele esteja de volta para mais um mandato de forma a consolidar o processo de mudança na UERJ. A Universidade precisa de mais ousadia nos seus planos estratégicos porque deve estar na linha de frente. Alguns grandes cursos já são da linha de frente, mas outros precisam entrar também.”



Pedro Fernandes, deputado estadual

“Fico muito feliz em ver o nosso Reitor reeleito e atestar os importantes trabalhos que ele realizou nesses primeiros quatro anos de mandato. Tenho certeza de que ele vai dar continuidade e melhorar cada vez mais nos próximos anos. Sou suspeito para dizer, mas em relação à parceria com a Alerj no projeto de reformulação da legislação estadual é claro que vai haver uma atenção especial da minha parte e tenho certeza que do Reitor também. O estado e a Universidade vão ganhar muito com isso, mas é a população que vai poder se beneficiar dessa parceria e desses avanços que a Universidade está propondo ao Estado.”



Comte Bittencourt, deputado estadual

“Acredito que é importante o estabelecimento da reeleição em uma instituição educacional. O projeto de uma Universidade como esta é no de mínimo médio prazo – como garantir a continuidade de determinados programas, principalmente na academia, que é o centro da inteligência do Estado. Aqui é nosso parque principal da inovação, da ciência, das novas formas de enfrentar o mundo contemporâneo nas suas mais diversas áreas. Acho que é um desejo da comunidade que ultrapassa o contexto de uma reeleição. É um debate que diz respeito ao conjunto da Universidade, mas é também a compreensão de que a continuidade é fundamental. O Rio de Janeiro precisa ter nas suas universidades a força do seu desenvolvimento. Temos tratado essa questão na Assembleia Legislativa, mas ainda não com a devida dimensão. As universidades do Estado do Rio de Janeiro não podem continuar sendo tratadas como secretarias de estado, com debate de orçamento. Não adianta ter um Reitor eleito, um ambiente democrático interno e não ter orçamento. No momento do orçamento, a Secretaria de Planejamento trata o Reitor como se fosse um secretário de estado e essa é uma questão que o Rio de Janeiro precisa aprofundar no debate para que possamos ter na UERJ, na Uenf, na jovem Uezo e no braço tecnológico da Faetec o centro da inteligência do Rio de Janeiro, garantindo a verdadeira autonomia universitária, não só acadêmica e administrativa, mas também financeira.”



Trechos do Discurso de posse do Reitor Ricardo Vieiralves • 04/janeiro/2012

Estamos hoje reunidos em sessão solene da Assembleia Universitária que é presidida pelo chanceler da UERJ. A comunidade da minha Universidade me conferiu de maneira incontestante o dever de presidi-la por mais quatro anos, agora ao lado do professor Paulo Roberto Volpato como Vice-reitor. Meu reconhecimento e carinho à professora Christina Maioli que me acompanhou durante esses quatro anos de serviço à reitoria. Paulo Roberto Volpato, meu companheiro nessa nova jornada, tem todos os pré-requisitos para o cargo que agora ocupa. Meu reconhecimento a toda a equipe que compôs a Reitoria 2008-2011: competência e dedicação resumem o trabalho desenvolvido. Cito um decano da equipe, um dos poucos homens que compuseram esse grupo (minha equipe foi feminina), que é o professor Ivair Lopes Machado, o mais velho de todos, Prefeito dos *Campi*, em nome do qual homenageio todos os meus companheiros e companheiras de trabalho nessa jornada 2008-2011. (...)

Os portugueses estabeleceram que em todo o mundo português só existiria uma universidade, a de Coimbra. Pensavam os portugueses, e com razão, que controlando a formação e o pensamento superior poderiam controlar e estabelecer o destino de uma nação. Assim também fez a Igreja nos primórdios da universidade ocidental. Também não foi por acaso que quando vivemos a ditadura militar no Brasil, a instituição universitária foi perseguida, controlada, vigiada e transformada em ícone de ameaça ao regime. A universidade no Brasil, a mais tardia das Américas, foi instituída no final de década de 1920 e tem uma história muito complexa. Vou traduzi-la a partir da singularidade de nossa história como instituição.

A história da formação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, penso, é o espelho do Brasil, da cidade do Rio de Janeiro e do nosso estado. A Universidade do Distrito Federal, UDF, foi pensada e instituída pelo grande educador brasileiro, professor Anísio Teixeira, em 1935. Em seu projeto progressista, Anísio Teixeira afirmava que a UDF deveria contribuir para a educação brasileira em todos os níveis. Em seus estatutos estava deter-



minado que a Universidade do Distrito Federal deveria promover e estimular a cultura de modo a concorrer para o aperfeiçoamento da comunidade brasileira; encorajar a pesquisa científica, literária e artística; propagar o conhecimento das ciências e das artes pelo ensino regular de suas escolas e por seus cursos de extensão; formar profissionais e técnicos nos vários ramos de atividades que suas escolas comportassem; promover a formação do magistério em todos os seus campos.

O discurso proferido pelo Reitor da UDF Anísio Teixeira, por ocasião da inauguração dos cursos, revela a avançada concepção que tinha da universidade e de seu papel na sociedade brasileira: "A universidade é, na sociedade moderna, uma das instituições características e indispensáveis sem a qual não chega a existir um povo. Aqueles que não as têm também não têm existência autônoma, vivendo tão somente como reflexo dos demais". Ele ainda adverte sobre o isolacionismo

dos intelectuais, da necessidade da proximidade com o Brasil, da urgência e da imediatez da proximidade com o povo brasileiro. E conclui o seu discurso em 1935 com uma visão do futuro da UDF, inteiramente atual: "Dedicada à cultura e à liberdade, a Universidade do Distrito Federal nasce sobre o signo sagrado que a fará trabalhar e lutar por um Brasil de amanhã, fiel às grandes tradições liberais e humanas no Brasil de ontem". Lamentavelmente para a história do nosso país a UDF de Anísio Teixeira foi fechada em 1939. No dia 4 de dezembro de 1950 a UDF foi redistribuída por meio de lei municipal. Não era mais o projeto de Anísio Teixeira, que queria uma universidade para uma nação cidadã, mas uma fusão de quatro instituições pré-existentis: a Faculdade de Medicina, uma sociedade anônima, a Faculdade de Direito do Catete, o Instituto Lafayette de Filosofia, Ciências e Letras, e a Faculdade de Economia e Finanças. (...) Nossa história é um legado de contradições, fomos a primeira e,

durante décadas, a única universidade pública do Brasil a ter aulas noturnas, permitindo que os trabalhadores tivessem acesso ao ensino superior. Ao mesmo tempo, foi aqui que se pensou e se concebeu o projeto Rondon e o Mobral. (...)

A relação com os governos também não foi uniforme. (...) A relação universidade / governo poderia ser traduzida em uma metáfora de "política ioiô": uma época com grandes financiamentos e realizações positivas (imaginem o investimento para a construção deste *campus*!) e outras épocas de absoluta penúria e intransigência de ambas as partes. Há poucos anos tivemos um período assim. Conto essa história para poder afirmar alguns princípios: se a universidade traduz o espírito do seu tempo e se no passado foi criada para a construção do pensamento único, no estado democrático atual ela é a instituição do pensamento livre, dispar e plural. Se a universidade traduz o compromisso com o mundo em que está inserida e no passado foi formadora de uma elite pouco generosa e autoritária, no estado democrático atual, penso eu, deve ser uma instituição para a formação de uma elite democrática e mais generosa. A política ioiô produziu um mal imensurável na nossa instituição universitária. Internamente produziu um efeito colateral por conta da resistência da instituição nos momentos de penúria, traduzida pelo isolamento e pelo corporativismo. E, no estado, produziu o preconceito, uma visão de atrasada, ineficiente e substituível. Sair da política ioiô e estabelecer um novo paradigma é urgente, Vila Isabel não é o centro do mundo. Isto significa abertura ao controle social, ao estabelecimento público de pactos de ação, à transparência e, principalmente, a definição clara da nossa missão pública, que deve ser norteada por princípios éticos. (...)

Por tudo isso, excelentíssimo senhor Chanceler da Universidade, Governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, acabe, elimine definitivamente a política ioiô na relação do estado com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Sua visão de estadista, seu compromisso estratégico com o

estado do Rio de Janeiro e sua história nos enche de esperança. Os desafios que temos para o futuro são muito maiores do que tivemos há quatro anos. É hora de um grande salto de qualidade e é claro que isso se traduz em um novo pacto entre estado, sociedade e universidade. Devemos manter com parcimônia e equidade os gastos públicos, continuar exercendo e executando com vigor e seriedade os nossos recursos, os que nós temos criado. Devemos nos inserir ainda mais no projeto estratégico de um novo estado do Rio de Janeiro. Assumo o compromisso com Vossa Excelência e diante de toda a minha comunidade eu digo: cumprirei. Vamos aumentar a presença da UERJ no estado do Rio de Janeiro e atuar cada vez mais próximo das grandes políticas de estado. (...)

Governador, Chanceler da Universidade, e minha comunidade: seremos a grande agência de desenvolvimento do estado do Rio de Janeiro. Estaremos presentes, colaborando e agindo, em todos os projetos de ação econômica e social do estado. (...) Devemos instituir um mecanismo de avaliação rigorosa na nossa UERJ, interna e externamente, para honrar cada investimento público aqui realizado. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação determina a criação de um sistema estadual de ensino superior, mas ele nunca foi instituído em nosso estado. Excelentíssimo senhor Chanceler, é claro que precisamos de apoio e investimento. Salto de qualidade não se faz sem esses dois elementos e Vossa Excelência é conhecedora das nossas necessidades: a implantação da dedicação exclusiva para os professores e a modernização e correção da nossa carreira técnico-administrativa é uma pauta que continua. Nós não somos a Universidade de Vila Isabel, queremos ser cada vez mais a Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Sei que as contas públicas têm que ser bem administradas e que o investimento é pactuado, cuidadoso e nunca o ideal. Seremos criativos, prudentes e, principalmente, corajosos. Nós, Governo e Universidade, devemos ter o compromisso ético com o bem público, que transcende a Universidade e que deve com honestidade atender a promoção do bem-estar para o cidadão do estado do Rio de Janeiro.

Trechos do discurso do Governador Sérgio Cabral

É um prazer enorme estar aqui na UERJ, no Teatro Odylo Costa, filho; cumprimentar o meu amigo Ricardo Vieiralves, nosso Reitor. Com todos já cumprimentados e saudados – os ex-Reitores, a mesa, os deputados, os professores, os técnicos-administrativos, os alunos – cabe a mim apenas dar os parabéns, Ricardo, a você e à Christina e desejar o mesmo padrão de eficiência a você e ao Volpato, porque acredito que qualquer atividade finalística não tem capacidade de ser executada se não houver gestão. Não adianta o discurso, o desejo, se não houver muito suor, muita transpiração, muita disciplina, muito foco e qualidade de gestão. Acho que a resposta da comunidade da UERJ nas eleições – e não há nenhum processo mais transparente e democrático do que a escolha pelo voto – é a resposta a esse seu trabalho de quatro anos. Foi um prazer trabalhar com você durante esses anos: em 2008, 2009 e 2010, quando a população me reelegeu (coincidentalmente com um percentual altíssimo, semelhante ao seu), e continuamos a trabalhar juntos em 2011.

Queria ressaltar a interface entre nós tão bem conduzida pelo Alexandre Cardoso, sem dúvida um excepcional secretário de Ciência e Tecnologia, com grandes auxiliares. Está aqui o professor Ruy Marques, presidente da Faperj, que é da Universidade. A UERJ foi a maior

parceira da Faperj, agência que recebeu no nosso governo o *status* e os recursos de que era merecedora, legalmente merecedora. (...) Mas nada disso seria possível se não fosse a sua eficácia e a sua boa gestão. Não adiantaria o crédito da minha campanha eleitoral de 2006 e de ter dito aqui, na sua posse em 2008, que gostaria de ver a UERJ com o *status*, com os recursos e com a boa posição que merece, se não fosse a sua gestão, com a sua equipe e os professores motivados.

É evidente que estamos aqui celebrando quatro anos, mas dando posse a mais quatro anos. Eu vou estar junto com você em parte significativa desses anos. Portanto, os compromissos que você me provoca, eu tenho que responder. (...) Eu acredito muito nessa Universidade e quero dar os parabéns a vocês, à UERJ. (...) Fico feliz que os compromissos meus assumidos na sua posse em 2008 tenham sido cumpridos e inaugurados. O compromisso assumido no plano de cargos e salários, na sua posse anterior, nós cumprimos. E agora você me traz outras provocações muito interessantes.

A primeira é de continuar os investimentos físicos, materiais, que dão dignidade, que dão ambiente à Universidade: que o ar-condicionado funcione, que os novos auditórios sejam feitos, que os laboratórios sejam montados, que tudo melhore. Isso faz parte da gestão, como você mostrou aqui nas instalações que

foram renovadas ou construídas, e isso deve ser feito permanentemente. Então está aqui o nosso compromisso com você, de melhorar os investimentos e até mesmo a qualidade do custeio, porque temos que estar sempre atentos a ele, verificar o seu gasto e, ao mesmo tempo, ver a qualidade do gasto – e também diferenciar custeio de investimento

A segunda provocação que você me apresenta é muito importante e concordo com você, acho muito justo: a revisão e o ajustamento do plano de cargos e salários dos profissionais técnico-administrativos da UERJ. É meu compromisso. E por último, não menos importante, sobre a dedicação exclusiva dos professores da UERJ: vamos fazer a dedicação exclusiva para os professores da UERJ. É muito justo tanto o plano de cargos e salários dos técnico-administrativos, como uma política de dedicação exclusiva digna para aqueles que optarem por ela dentro do quadro de professores da UERJ. Tenham todos um feliz 2012. Que seja um ano mais próspero, mais justo para o nosso estado. Acho que, nesses últimos cinco anos, o nosso estado saiu de um patamar e se encontra em outro. E um dos pontos altos tem a ver com a contribuição desta Universidade, instituição que é orgulho de todos nós e que queremos, sem dúvida, ver na vanguarda desse processo de transformação do Rio de Janeiro. Viva o Rio e viva a UERJ!



Sub-reitorias apresentam planos para a gestão 2012-2015

Sub-reitoria de Graduação (SR1)

Para a Sub-reitora de Graduação, Lená Medeiros, os próximos quatro anos serão uma oportunidade de avanço e investimento em setores que precisam hoje de mais atenção, como a expansão da graduação, da avaliação e da inovação: “Ficamos muito felizes ao observar no último censo o grau de satisfação dos alunos com os seus cursos, mas pode ser melhor e para isso temos que nos atentar para as críticas. Dessa forma, conhecemos nossos alunos e suas perspectivas”.

Em 2012 haverá mudanças administrativas na SR1. O Departamento de Desenvolvimento Acadêmico e Projetos de Inovação (Deapi) deixará de existir e será dividido em duas coordenações: uma cuidará da articulação entre os ensinos fundamental, médio e superior e da iniciação acadêmica, além do Proiniciar, programa de destaque da SR1 que visa a reduzir o índice de evasão de cotistas, cuja direção está a partir de 2012 a cargo da professora Maricélia Bispo. A outra coordenação ficará responsável por avaliação, projetos especiais e inovação. Será criada também uma assessoria técnica para reunir informações referentes à SR1 e transformá-las em dados. “Na avaliação que fizemos dos cotistas egressos constatamos que muitos estão trabalhando na área em que fizeram a graduação, enquanto outros estão cursando mestrado ou doutorado. Com isso observamos que o Proiniciar vai além de posicionar os alunos no mercado de trabalho e melhorar o processo de construção de uma sociedade mais justa. Quando esses ex-alunos passam a cursar mestrado e doutorado, estamos mudando as elites intelectuais”, avalia a Sub-reitora. Nos próximos quatro anos, sua intenção é ampliar a pesquisa com egressos não cotistas, a fim de “ter uma avaliação da UERJ, que também está no trabalho desenvolvido pelos profissionais que se formaram pela Instituição”.

Também existem planos para expandir o Projeto de Educação Tutorial (PET) e o Programa de Iniciação à Docência (Pibid), assim como as bolsas de estágio interno complementar. A Sub-reitora adianta que será criado um Programa voltado para a mobilidade estudantil, com o intuito de oferecer acompanhamento tanto aos alunos da UERJ que vão estudar em outros países quanto para os intercambistas estrangeiros que vêm para a Universidade. No âmbito do ensino a distância, a expansão para outros polos também está na pauta da gestão: a UERJ faz parte do consórcio Cederj, juntamente com Uenf, UFF, UFRJ, UFRRJ e Unirio. O curso de Geografia deve ser o próximo a ser lançado nessa modalidade e o Laboratório de Tecnologias de Informação e Comunicação (Latic) também deverá ser revitalizado.

Está prevista a ampliação gradativa do número de vagas em alguns cursos, bem como a criação de novas formações: “Na gestão 2008-2011 criamos o curso de Turismo; agora vamos enviar ao Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (Csepe) a proposta de criação do curso de Relações Internacionais”, adianta a professora Lená, acres-

centando que está em estudo a criação dos cursos de Arqueologia (interdisciplinar), Farmácia e Fisioterapia, além da possibilidade de oferta do curso de Turismo no *campus* Maracanã. No *campus* Resende serão oferecidas graduações em Engenharia Mecânica e Elétrica.

A SR1 pretende também incentivar mais a pesquisa, trabalhando em conjunto com a SR2, além de aumentar a participação nos editais das agências de fomento. Outro ponto de destaque será uma maior atenção na licenciatura, pois “cada vez mais faltam professores”, segundo Lená. Ela acredita que dessa forma a UERJ poderá contribuir para que o Brasil enfrente o problema dos ensinos fundamental e médio na esfera pública. “Quando constatamos que há vagas para cotistas que não chegam a ser preenchidas, é porque não existe a demanda, já que o aluno não chega nem ao ensino médio.” No próximo semestre deverá ser realizado o primeiro seminário interno da graduação para discutir a inserção nos novos sistemas de acesso à universidade, avaliação dos currículos e métodos inovadores em sala de aula. Os cursos que apresentam índices elevados de reprovação em algumas disciplinas, serão avaliados, assim como aqueles que apresentam grande evasão. “Pretendemos institucionalizar mais a figura do coordenador de graduação e criar um fórum para esses profissionais dividido em duas câmaras: uma voltada para o bacharelado e outra para a licenciatura”, explica a Sub-reitora. Ela também disse que pretende investir na avaliação curricular, da prática docente e de procedimentos. A fim de descentralizar o trabalho de campo, a SR1 adquiriu sete novas vans para as unidades externas. O custo foi bancado em grande parte pela arrecadação da taxa de inscrição do vestibular.

Sub-reitoria de Pós-graduação e Pesquisa (SR2)

Entre os planos da SR2 para o período 2012-2015 estão a continuidade dos programas da gestão anterior e a ampliação da participação nos editais de pesquisa das agências de fomento. A Sub-reitora Monica Heilbron informa que também há intenção de ampliar a participação internacional da UERJ na pós-graduação e na pesquisa, além do intercâmbio de estudantes, principalmente por meio do programa do governo federal Ciência sem Fronteiras: “Estamos trabalhando com o Departamento de Cooperação Internacional a fim de aumentar a sua capacidade institucional para dar conta desse desafio que é a internacionalização da Universidade”.

A Sub-reitoria pretende criar ainda uma rede institucional de grandes laboratórios, pois hoje a Universidade reúne quase 20 laboratórios de grande porte. A intenção é realizar concurso para funções técnicas como forma de suprir a mão de obra necessária para a pesquisa em laboratórios. Para a Sub-reitora, “os laboratórios são uma espécie de cartão de visitas da Instituição e possuem equipamentos valiosos. Infelizmente a maioria tem funcionado com técnicos bolsistas, que uma vez capacitados migram para outras instituições ou empresas. Então é essencial darmos o devido apoio institucional para que esses laboratórios se mantenham”, explica Monica. A professora adianta que também pretende acelerar a criação de novos programas de pós-graduação e constituir programas em unidades externas, especialmente em Resende. Em relação aos programas já existentes, sua proposta é dar atenção especial àqueles que não conseguem melhorar o conceito na avaliação da Capes ou permanecem com a pontuação estagnada.



Um departamento de apoio a projetos institucionais é outro projeto da SR2 para a atual gestão: “Como a demanda de grandes projetos está crescendo precisamos ter um setor responsável pelo seu fomento e acompanhamento, já que esses projetos devem ser executados no tempo certo e significam orçamento para a Universidade. Se não cumprimos os prazos deixamos de estar habilitados para a captação de outros projetos institucionais de grande porte”, justifica. Ela acrescenta que o trabalho dos Projetos Especiais em Línguas Estrangeiras, em parceria com o Instituto de Letras, que oferece aulas de idiomas a professores de pós-graduação da Universidade, deverá ser ampliado. A ideia é oferecer cursos de idioma para os estudantes de graduação que pretendam participar do Ciências sem Fronteiras.

Da mesma forma, a ampliação do número de bolsas do Prociência e de vagas para professores visitantes estão nos planos da Sub-reitoria. Várias áreas precisam de pesquisadores experientes em tempo parcial, que também atuem na área industrial, para lecionarem na graduação e na pós-graduação. “Tenho conversado com a professora Lená e com o professor Volpato para criarmos um programa voltado para profissionais que estão no mercado, na indústria, a fim de avançarmos na inovação, na geração de patentes. Devemos estar de alguma forma conectados com a área industrial,” diz Monica Heilbron. “Temos desenvolvido programas institucionais com as secretarias de estado, como a construção da Estrada Parque Paraty-Cunha. O Reitor acredita, e eu concordo com ele, que a UERJ deve ser a inteligência do estado do Rio e que devemos usar a nossa pesquisa para a solução de problemas da nossa região. Temos apoiado e atendido essas demandas na medida do possível. Por isso a criação de um departamento de gerência de projetos seria uma maneira de alavancar esse lado institucional. Precisamos mostrar para a sociedade que o que pesquisamos é importante. Temos pesquisa de excelência em todas as áreas do conhecimento e devemos mostrar a sua aplicação para o desenvolvimento”, defende.

Sub-reitoria de Extensão e Cultura (SR3)

Para a Sub-reitora de Extensão e Cultura, Regina Henriques, a gestão 2008-2011 da SR3 foi bem sucedida. “A UERJ ainda não é parte do circuito de espetáculos do cenário carioca porque há uma certa resistência por ela estar localizada na zona norte da cidade. Tivemos contato com vários produtores e alguns ousaram e gostaram muito apaixonando-se pela possibilidade de usar o nosso teatro e outros espaços culturais que a Universidade possui. Fizemos um investimento muito grande na melhoria dos equipamentos culturais que a UERJ tem o privilégio de possuir. Não é fácil uma universidade pública ter esses espaços, porque eles exigem manutenção que é cara e não é possível competir com o investimento necessário para os laboratórios de ensino, para as salas de aula”, avalia. Além disso, na sua opinião, a Universidade acaba tendo que competir com os outros espaços culturais do mercado local da cultura. A Sub-reitora destaca



também a criação da midiateca e a sala de projeção com 30 lugares. Em março deve ser inaugurado o novo auditório com tradução simultânea, equipado para receber congressos e convidados internacionais. As duas galerias de arte também foram modernizadas com equipamentos de luz, som e refrigeração.

Regina Henriques acredita que é fundamental a Universidade se assumir como espaço cultural importante no Rio de Janeiro, tanto pela sua localização como sua responsabilidade social: “Não é apenas a formação de público, mas garantir o direito da fruição cultural para a população do entorno da UERJ, que carece de espaços que ofereçam bons espetáculos”. A UERJ oferece seus palcos para que a rede pública possa introduzir a arte na formação das crianças, por meio de apresentações teatrais e musicais, por exemplo. Para os próximos quatro anos, a Sub-reitoria deverá continuar investindo na oferta de bons espetáculos: “O fácil acesso ao *campus* Maracanã tem permitido que a UERJ veja que a cultura

não está apartada da universidade. A universidade também é um traço da cultura de um povo e as manifestações culturais desse povo devem encontrar espaço para que se manifestem, que sejam conhecidas por todos. É este o compromisso que temos nesta gestão.”

A necessidade de qualificar os espaços culturais da UERJ e trabalhar a extensão como elemento fundamental para a produção acadêmica, não apenas como fonte de produção do conhecimento, mas também como oportunidade de ações inovadoras dos estudantes “são experiências que às vezes não cabem na grade curricular e que podemos oferecer por meio da extensão. Isso constitui um momento único da vivência do aluno, faz a diferença para o resto da sua vida profissional. Além disso, é um espaço para apresentarmos o conhecimento com tradutibilidade para a população. A extensão também tem esse papel e é isso que desejamos que todos reconheçam. Esta é a nossa missão na nossa luta nos próximos quatro anos”, afirma a Sub-reitora.

> PELOS CAMPI

PSA Peugeot Citroën assina convênio de cooperação técnica com a UERJ

Um acordo de cooperação técnica entre a UERJ e a PSA Peugeot, que irá viabilizar parcerias em projetos de pesquisa e desenvolvimento e realizar cursos de extensão na área automotiva, foi firmado em fevereiro em Porto Real, RJ. O convênio foi viabilizado pelo Centro de Desenvolvimento e Inovação Tecnológica e Incubadora de Empresas Sul Fluminense (CDIT), vinculado à Faculdade de Tecnologia de Resende, cuja proposta é estimular parcerias com indústrias no setor privado atuando como órgão de fomento à inovação e ao desenvolvimento tecnológico.

Na assinatura do documento, o Reitor Ricardo Vieiralves destacou a importância de convênios entre universidade e indústria para a capacitação profissional: “O grande problema do estado do Rio de Janeiro hoje é a ausência de recursos

humanos qualificados, um problema que acontece no Brasil todo”. Esse é um dos motivos que leva grande parte da mão de obra técnica formada no Brasil optar por seguir a graduação e deixar de trabalhar em atividades técnicas, provocando lacunas que convênios como o firmado entre a Universidade e a PSA Peugeot Citroën tentam preencher. O Reitor aproveitou a ocasião para anunciar o lançamento de dois novos cursos – de Engenharia Elétrica e Engenharia Mecânica – que serão oferecidos pela Faculdade de Tecnologia no *campus* de Resende a partir do processo seletivo de 2013.

Para o diretor de Pesquisa, Desenvolvimento e Estilo da PSA Peugeot Citroën, François Sigot, o convênio tem grande importância para o sul do estado do Rio, porque “a parceria de alto nível é para tornar a



ALEXANDRE GRAND

região um grande polo de tecnologia automobilística”. Segundo o diretor do CDIT, professor Alexandre Alvarenga, o acordo de cooperação é inovador e único no estado, porque envolve oportunidades de estágios, montagem de laboratórios e troca de experiências entre profissionais: “Este convênio vai além de uma ação pontual porque é uma parceira plena que abrange desde a Engenharia até a Medicina”.

Também participaram do evento o Vice-reitor Paulo Roberto Volpato; a Sub-reitora de Graduação, Lená Medeiros; a diretora do Centro de Tecnologia e Ciências, Maria Georgina Muniz; a coordenadora do InovUerj, Marilza Bruno de Carvalho; a diretora da Coordenadoria de Estudos Estratégicos e Desenvolvimento, Tatiane Baptista, e a diretora da Faculdade de Engenharia, Maria Eugenia Gouvêa.

Colônia de férias: lazer para as crianças e aprendizado para estudantes

Proporcionar às crianças lazer gratuito e de qualidade nas férias e dar oportunidade de experiência aos alunos são dois dos principais objetivos da Colônia de Férias da UERJ, que acontece há quatro anos no *campus* Maracanã. As atividades, das quais podem participar crianças de sete a dez anos, são programadas para períodos curtos nos meses de julho (uma semana) e de janeiro (duas semanas).

Os inscritos são distribuídos em quatro turmas, uma para cada idade, em atividades diárias das 9h às 12h, que incluem oficina de capoeira; ginástica rítmica e outras atividades recreativas, esportivas e culturais. As crianças que participam da colônia recebem camiseta, boné e *squeeze* e também lanches todos os dias. Faz parte da programação uma palestra para os pais sobre temas relacionados à educação infantil, como a importância da atividade física, nutrição, primeiros socorros e acidentes domésticos. Em janeiro deste ano, 100 crianças (25 de cada faixa etária), participaram da colônia de férias. Elas também tiveram aulas de xadrez com o professor Paulo Cesar Levy, da Faculdade de Educação, e de ‘contação’ de história com as pedagogas Ondina Meleiro e Solange Braga (convidada externa).

A coordenação da colônia de férias está a cargo da professora Solange Ferreira, do



Jogos recreativos, janeiro de 2012



Passeio ao Parque Paleontológico, janeiro de 2012

Instituto de Educação Física e Desportos (IEFD). Ela conta que a atividade existia na Universidade há alguns anos, mas estava desativada: “Quando assumi a vice-direção em 2008, a minha disciplina era ‘Lazer e Recreação’, por isso resolvemos retomar o projeto”. Completam a equipe do IEFD os professores Renato Landim, coordenador administrativo, e Bianca Moraes, na coordenação pedagógica. A ideia

é que, no futuro, as crianças se interessem em estudar na UERJ, porque percebem a Universidade de um modo diferente: na Geologia observam rochas no microscópio; visitam o espaço dos cursos de Geografia, Física e Oceanografia e visitaram o Parque Paleontológico. Isso faz com que a colônia de férias tenha características peculiares: acontece dentro da Universidade e permite que a criança conheça os cursos.

“Antes nos preocupávamos em programar passeios externos, mas nos demos conta de que existe um mundo de interesse das crianças dentro do próprio *campus*”, diz o professor Landim.

Dez estagiários do IEFD também acompanham as crianças. A intenção dos coordenadores é que, na medida em que a colônia cresça, seja possível agregar estagiários de outros cursos, como Nutrição e Enfermagem. O contato com outras faculdades e cursos representa um ganho para os estagiários “porque os nossos alunos aprendem em outras unidades. Eles podem nunca ter ido a um museu de paleontologia, por exemplo, e a colônia representa a chance desse primeiro contato”, afirma Solange Ferreira. Outro exemplo dos benefícios gerados para os envolvidos no projeto foi a parceria com a Oceanografia, que proporcionou às crianças o contato com a água do mar e a fauna marítima em aquários. Isso gerou o interesse de alunos da Oceanografia apresentarem trabalhos no *UERJ sem Muros* baseados na experiência com a colônia de férias. As inscrições para a Colônia são abertas para os públicos interno e externo. Há dois anos recebe também crianças dos abrigos Ayrton Senna e Castelo Rei João, o que representa uma forma de retorno da UERJ para a sociedade.

BIANCA MORAES

Projeto desenvolve *software* livre para estudos fotogramétricos

O Laboratório de Fotogrametria da Faculdade de Engenharia trabalha desde 2004 no desenvolvimento da chamada Estação Fotogramétrica Digital Educacional Livre, o E-foto (<http://www.efoto.eng.uerj.br/>). Trata-se de um *software* livre considerado pela equipe do Laboratório como um dos poucos do mundo concebidos com o objetivo de popularizar e difundir a técnica fotogramétrica de forma gratuita.

Há cinco anos integrante da equipe do Laboratório de Fotogrametria, coordenado pelo professor da Faculdade de Engenharia Jorge Nunes, o mestrando em Engenharia de Computação Rafael Aguiar explica que o objetivo inicial da fotogrametria era mapeamento. Como a fotogrametria surgiu durante as duas guerras mundiais (não é possível precisar essa data por ter origem em plano secreto), os militares foram os primeiros a utilizar a técnica para a delimitação correta do alvo de mísseis no território inimigo. “Para disparar um míssil era necessário ter detalhes do terreno, saber o que era montanha ou vale, bem como a altitude ou declive do local. Os militares desenvolveram então a matemática baseada na visão humana, relata Rafael Aguiar. No primeiro momento, os militares sobrevoavam o campo inimigo fazendo fotos. Depois juntavam esse material e utilizavam a regra matemática para conseguir todos os detalhes. Na fotogrametria, são necessárias duas ou mais fotos do objeto em ângulos diferentes. Assim elas poderão ficar posicionadas em um aparelho que consegue reconstruir a imagem em formato 3D – para tanto os aparelhos utilizados têm se desenvolvido ao longo dos anos.

Até a década de 70, boa parte dos laboratórios utilizava o equipamento desenvolvido na Segunda Guerra Mundial, de grandes dimensões e totalmente manual. A partir dos anos oitenta – com o tamanho dos aparelhos reduzido, a popularização dos computadores e o advento da internet – a fotogrametria, assim como diversas técnicas, migrou para a informática. Mas a facilidade obtida com a nova tecnologia também trouxe um problema para instituições e projetos: o alto



O Palácio Guanabara e as medições realizadas por pesquisador italiano

preço dos *softwares*, que chegam a custar cerca de US\$ 150 mil. O projeto E-foto surgiu nesse contexto e hoje seu site dá acesso aberto a uma estação gratuita para aqueles interessados em trabalhar com fotogrametria.

A evolução da técnica fez com que a fotogrametria deixasse de estar restrita ao mapeamento de áreas: uma das formas contemporâneas de aproveitamento está na área de reconstrução de prédios e monumentos. Quando um prédio sofre uma avaria, como um terremoto, a reconstrução fica mais fácil se o local tiver passado pela técnica fotogramétrica, que fornece com precisão detalhes das formas e dimensões que uma foto comum, em duas dimensões, não consegue.

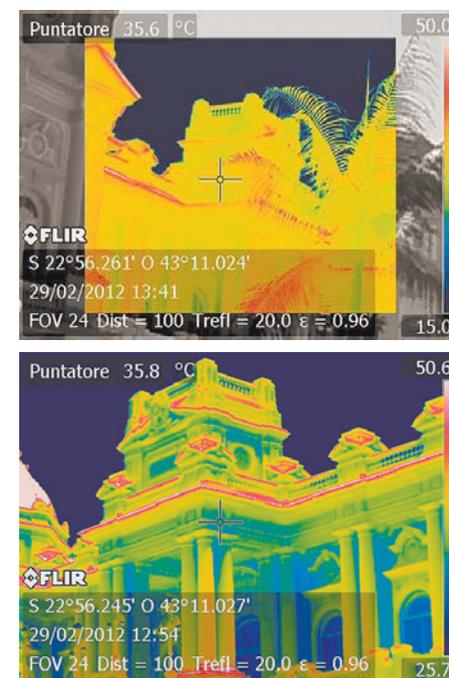
Outra área do conhecimento que se beneficia dos avanços da fotogrametria é a das ciências médicas, porque consegue viabilizar diagnósticos sem a utilização de métodos invasivos que gerem desconforto aos pacientes. Em alguns casos, as imagens de duas chapas permitem, por exemplo, medir o volume de um nódulo sem a necessidade de biópsia. A fotogrametria também é importante na análise ambiental, pois consegue verificar por meio de imagens aéreas os locais desmatados, onde não é fácil precisar a inclinação do terreno e prever a possibilidade de deslizamentos. Ao utilizar cálculos fotogramétricos, o pesquisador retém detalhes sobre a inclinação

e, assim, sobre áreas inerentes de riscos. Esse método também é conhecido como fotogrametria digital de sensoriamento remoto, que consiste na arte de fazer uma análise sem a necessidade de se deslocar até o local. O objetivo é desenvolver um sistema gratuito, especificamente dentro do E-foto: “Nosso foco é fazer uma estação fotogramétrica digital. Estamos trabalhando para que as pessoas possam utilizar o programa sem a necessidade de um equipamento especial. Queremos levar a fotogrametria a todas as pessoas e popularizá-la”, diz Rafael.

Especialista italiano de fotogrametria visita a UERJ

No dia 28 de fevereiro o professor do Politecnico di Bari, Pietro Grimaldi, esteve na UERJ a convite do Departamento de Cartografia para contribuir no trabalho de conclusão de curso do aluno Alexandre Corrêa. Especialista em monumentos históricos, Pietro utiliza equipamentos digitais de alta tecnologia para a fotogrametria e trouxe sua aparelhagem para fazer a varredura a laser das ruínas do Parque Arqueológico e Ambiental de São João Marcos, objeto de estudo da pesquisa de Alexandre. No Brasil, a técnica analógica ainda é a mais utilizada.

Juntamente com os professores da Faculdade de Engenharia Jorge Nunes e Amauri Destri, o pesquisador aproveitou a sua passagem pelo Rio e esteve



no Forte de São Luiz, em Niterói, e no Palácio Guanabara, recentemente restaurado, para aplicar a técnica digital nas duas edificações históricas. “É possível obter qualquer informação (como medida, por exemplo) e a partir do modelo tridimensional determinar a posição de um ponto. Essa tecnologia permite obter a exploração tridimensional e destacar alguns aspectos”, diz o docente italiano.

O professor Nunes explica que no equipamento digital “o feixe de laser mede a distância entre o aparelho e o alvo de interesse. No final consegue-se uma nuvem de pontos cujas coordenadas tridimensionais são conhecidas. O equipamento normalmente possui uma câmera fotográfica acoplada. Com a imagem digital é possível obter as coordenadas de qualquer ponto da foto com precisão milimétrica. Isso serve, por exemplo, em caso de destruição de uma obra, permitindo reconstruí-la exatamente como era a partir do seu modelo. A técnica é usada para a documentação de monumentos, obras de engenharia e plantas industriais”. O recurso também utiliza uma câmera termográfica que mede a variação de temperatura e permite verificar o tipo de material utilizado em uma obra, já que as substâncias possuem temperaturas diferentes. Para Nunes, o material digital representa um avanço da tecnologia que deve evitar erros e dar mais precisão às construções.

Hospital Universitário inaugura sala de telepresença



Uma cerimônia inédita no dia 1º de março inaugurou no Hospital Universitário Pedro Ernesto (Hupe) a sala de telepresença, um evento realizado simultaneamente em outros cinco pontos do Brasil. A inauguração conectou virtualmente a UERJ e as universidades Federais de Minas Gerais, de Pernambuco e de São Paulo, além de uma sala na sede da Financiadora de Estudos e Projetos – Finep e outra na Rede Nacional de Ensino e Pesquisa – RNP. O Reitor Ricardo Vieiralves mostrou seu entusiasmo com a novidade tecnológica: “Estamos empolgados com esta sala de Telepresença, porque permitirá o intercâmbio de conhecimento entre instituições” disse ele.

Diferente das salas de teleconferências, os espaços de telepresença permitem a realização de reuniões nas quais os participantes têm a sensação de proximidade física propor-

cionada por grandes telas de alta definição, que exibem as pessoas em tamanho real, com o áudio correspondente à direção da imagem, reforçando a sensação de contato presencial. O sistema combina tecnologia da informação com cenografia: todas as salas são padronizadas com a mesma iluminação, mesma cor de paredes, carpetes e móveis, o que aumenta ainda mais a sensação de estar em um único ambiente.

As seis salas nas universidades e nas agências de fomento integram a Rede Universitária de Telemedicina – RUTE, que contam com investimento da Finep e exigem alta velocidade de conexão para o seu funcionamento pleno. “Uma teleconferência de ótima qualidade exige a velocidade de conexão de dois mega por segundo; enquanto em um encontro com telepresença são necessários no mínimo 18 mega para que

a reunião aconteça”, explica o coordenador de informática do Telessaúde UERJ, Edson Diniz.

Além do Reitor, estiveram presentes o Vice-reitor Roberto Volpato; o Subsecretário de Estado de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Luiz Edmundo Costa Leite; o Superintendente da Secretaria de Ciência e Tecnologia, João Regazzi Gerk; o diretor do HUPE, professor Rodolfo Acatauassú Nunes, e a professora da Faculdade de Medicina Evelyn Eisenstein, que participaram da solenidade simultânea. O Reitor disse ainda que a nova sala representa um avanço para o programa Telessaúde da Universidade, que conecta profis-

sionais da área da saúde para que possam trocar experiências e obter opiniões de especialistas em várias cidades e regiões do Brasil. “Fomos uma das primeiras universidades a aderir a esse programa e hoje temos 18 mil pessoas no nosso ambiente virtual de aprendizagem. São 92 cidades atendidas no estado do Rio de Janeiro, o que gera efeitos positivos para o nosso atendimento no HUPE”. Em relação à importância do novo espaço, o Reitor destacou a redução dos custos e as inovações possíveis na área de ensino: “Vislumbramos aqui um espaço onde poderemos montar cursos de pós-graduação conjuntos e elaborarmos uma série de ações

tanto na pesquisa clínica quanto na pesquisa básica”.

Para o Subsecretário Luiz Edmundo, o fato de a UERJ ter sido uma das escolhidas para receber o alto investimento que representa uma sala de telepresença mostra o quanto a Universidade está em destaque e como ela é fundamental para o desenvolvimento social do estado: “Estamos participando ativamente das conquistas tecnológicas. Esta sala permite a democratização da informação e da aprendizagem e isto é muito importante em um país de dimensões continentais onde muitas vezes as distâncias impedem maior integração de questões relacionadas ao conhecimento”, declarou.

“Estamos empolgados com esta sala de telepresença, porque permitirá o intercâmbio de conhecimento entre instituições”